COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE *

INFORMAÇÃO

TIMOR-LESTE

PERIODICIDADE MENSAL | PREÇO AVULSO: 50$00 | ANO VI | Nº 66 JULHO 1991

O golo na própria baliza

Aproveitando a realização do festival desportivo de Arafura em Darwin, Austrália, o regime indonésio levou uma equipa de futebol de Dili para provar que Timor-Leste está "integradissimo" na República.

Mas para sua grande surpresa, tirando partido do ambiente de calor humano encontrado à sua volta, quatro dos jogadores pediram para não regressar ao território. Foi o que se chama, em linguagem futebolística, marcar um golo na própria baliza...

Arafura é o nome do mar que se estende desde o leste do Mar de Timor até ao estreito de Torres, entre a Austrália e a Papua Nova Guiné, e é o nome de um festival desportivo - «The Arafura Sports Festival» - resultado de um acordo assinado em 1987 entre a Austrália e a Indonésia.

O primeiro destes festivais teve lugar em Kupang, Timor indonésio, em 1989, tendo sido decidido pelos organizadores dar a este segundo, realizado em Darwin, entre 18 e 25 de Maio deste ano, uma dimensão internacional, tendo participado vários Estados da região.

OS ANTECEDENTES

Segundo A. Pereira em **O Português na Austrália** (5/6/91), a Indonésia aproveitou esta **«excelente oportunidade para executar o seu plano de ofensiva cultural na arena internacional para sanear o seu nome da lista de países onde o abuso dos direitos humanos é perpretado. Timor-Leste, sendo a componente principal desta má fama, teria que ser igualmente o foco da delegação da Indonésia para o Arafura Sports Festival. Enviou uma comitiva desportiva de cerca de 50 pessoas** [112 de acordo com jornais indonésios] **incluindo uma equipa seleccionada de futebol, sete boxeurs de Dili e os agentes de segurança».**

De acordo com o articulista, as dificuldades indonésias começaram logo na escolha dos jogadores, segundo critérios políticos, o que levou a **«que só nos últimos dias os seleccionadores da equipa de futebol conseguiram entrar em acordo com as autoridades indonésias sobre a sua composição final. Três dos melhores jogadores só foram incluídos porque o treinador brasileiro** [o apoio técnico - treinador, médico, massagista, roupeiro, cozinheiro, ... - desta equipa de futebol, patrocinada por um banco indonésio com sucursal em Dili, é composto por sete (!) brasileiros, dos quais seis residentes em Dili] **assumiu pessoalmente a responsabilidade de os vigiar em Darwin e comprometeu-se a regressar com eles. O treinador regressou ... mas sem todos os "seus" jogadores!».**

Para A. Pereira **«a estadia dos jogadores em Darwin também foi bastante difícil. Vieram para uma competição internacional mas só receberam 6 dólares australianos** [cerca de 700$00] **para as refeições diárias. Passaram fome nos primeiros dias e pediram às famílias na comunidade timorense para lhes socorrer com comida. A comunidade respondeu catolicamente e, daí, criou-se um elo que sacudiu toda e qualquer desconfiança que teria existido antes. Este elo foi o factor vital que ajudou a comunidade timorense local a sentir-se com mais vontade a dar todo o apoio humano e político solicitado pela comitiva desportiva de Dili para estes se escaparem das garras do ocupante indonésio. (...).**

Todos os jogadores demonstraram claramente a sua vontade de escaparem à ocupação indonésia. Contudo, tal vontade era sem-pre desmoronada pelo peso de consciência causado pelos danos que tal "fuga" iria causar aos seus familiares. A imagem dos seus ir-mãos, das suas mães, dos seus pais e outros familiares a serem (novamente) torturados, era pesada demais para muitos contemplarem. (...).

A chegada deles [os futebolistas] **a Darwin fora vista como uma equipa de élite. Caso ninguém escapasse para denunciar o ocupante, este iria usar o evento como um marco histórico da propaganda de sucesso da ocupação indonésia em Timor-Leste».**

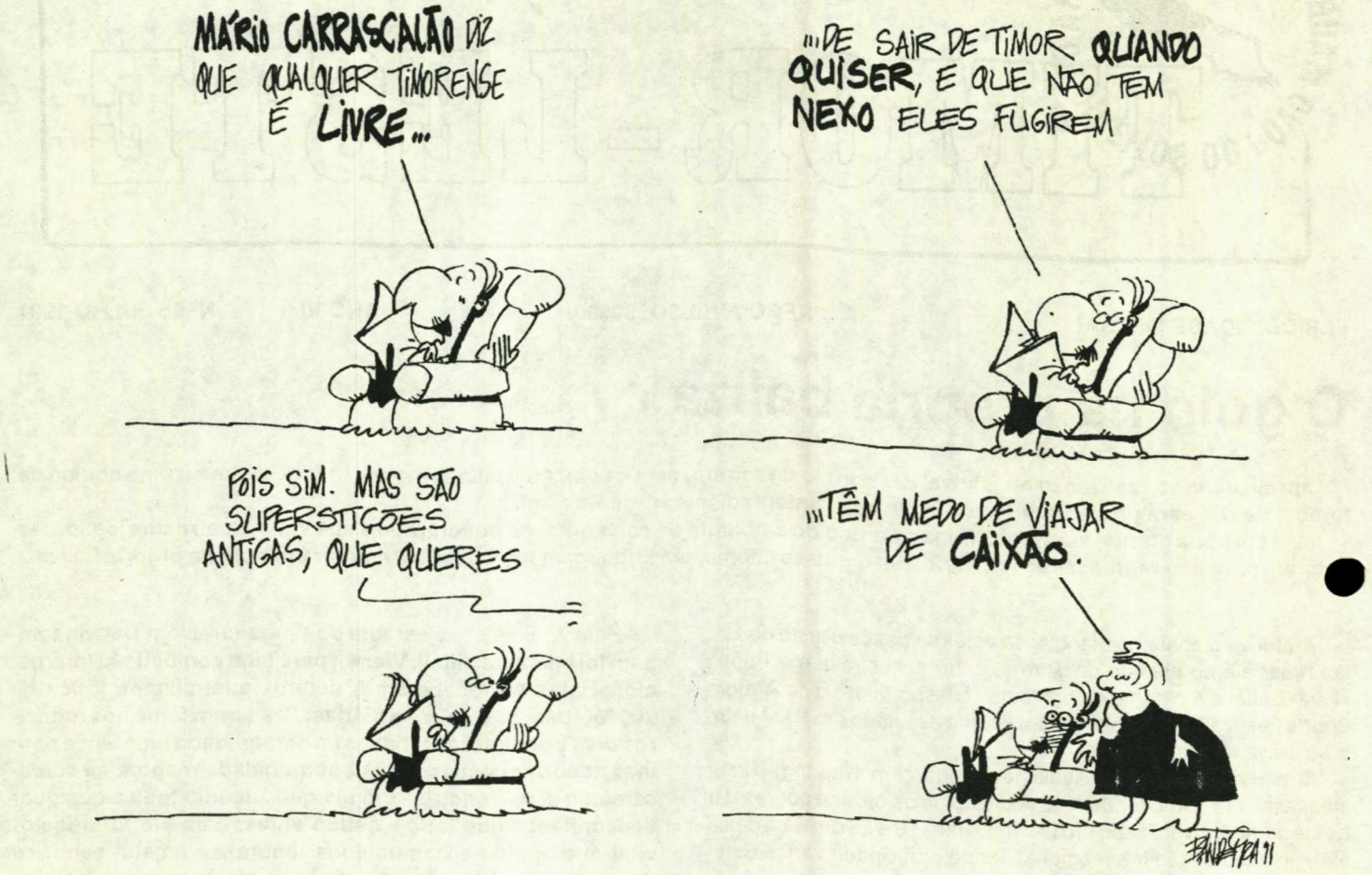
O ROMPER DA BARREIRA

Júlio Gonçalves do Rego, de 26 anos de idade, casado, com uma filha de poucos meses de idade, e João Pedro Ribeiro, de 24 anos, tomaram a iniciativa de passar à prática um plano que já vinham amadurecendo desde Dili: romper a barreira de vigilância dos funcionários indonésios sobre a comitiva, dirigirem-se secretamente a uma Embaixada portuguesa e aí pedirem para virem para o nosso país. Do plano de viagem da equipa fazia parte igualmente uma deslocação ao Brasil para uns «desafios amigáveis».

Chegaram a encarar a hipótese de tentar a sua oportunidade naquele país. Mas o ambiente encontrado em Darwin, o calor da comunidade timorense naquela cidade, levou-os a optar pela Austrália. De 26 para 27 de Maio pegaram nos seus haveres e arrancaram para Camberra. O seu exemplo foi seguido por outros dois, Francisco Lam e Chico Gama, que pediram o estatuto de refugiados às autoridades em Darwin.

NESTE NÚMERO:

- **O golo na própria baliza**
- **A luta de um povo em ficção**
- **As coisas mudam..**


MÁRIO CARRASCALÃO DIZ QUE QUALQUER TIMORENSE É LIVRE...
PODE SAIR DE TIMOR QUANDO QUISER, E QUE NÃO TEM NEXO ELES FUGIREM
POIS SIM. MAS SÃO SUPERSTIÇÕES ANTIGAS, QUE QUERES
TÊM MEDO DE VIAJAR DE CAIXÃO.

Diário de Notícias, 13/06/91

O seu gesto desencadeou de imediato um clima apaixonado entre a comunidade que pressionou os restantes colegas de equipa a seguirem-lhes o exemplo.

A fim de evitar ser envolvida em acusações de cumplicidade com Jacarta, as autoridades locais organizaram uma reunião no próprio aeroporto, à hora da partida, para que os jogadores da equipa de Dili pudessem decidir livremente sobre o que queriam fazer. Para essa reunião convidaram a cônsul honorária de Portugal em Darwin e um advogado, Ken Parish, um homem que goza da confiança da comunidade naquela cidade.

Nesse dia, um grupo de timorenses recebeu no aeroporto o autocarro com a comitiva aos gritos de **«Fiquem!, fiquem!»**. Mas como relata A. Pereira no já citado artigo, **«as autoridades indonésias, pelas 9h 45mn da manhã, estavam já informadas que autoridades relevantes estariam no aeroporto para dar aos jogadores a possibilidade de escolherem (...). As autoridades indonésias agiram. Imediatamente, transportaram todos os jogadores para o consulado indonésio para fazerem uma** "lavagem ao cérebro"».

A reunião durou quase duas horas. No fim foi efectuada uma votação para saber da opção dos jogadores. Dos 11, 7 votaram a favor do regresso e 4 contra. Dos 7 a favor, 4 eram indonésios. A viagem ao Brasil, essa foi cancelada ...

REACÇÕES

A primeira reacção das autoridades de Jacarta foi de manifesta surpresa. Questionado pelos jornalistas o director dos Assuntos da Ásia-Pacífico do MNE indonésio invocou falta de informação sobre os motivos de tal «deserção» e que informaria o ministro Alatas, na ocasião na Europa a participar numa reunião CEE-ASEAN (onde, aliás, falaria da defesa dos direitos humanos no Camboja e na África do Sul, perante o olhar silencioso do representante de Portugal) do ocorrido.

As reacções dos altos funcionários do poder foram "clássicas": as de tentar desvalorizar o acontecido. Para o ministro coordenador dos Assuntos Políticos e de Segurança, alm. Sudomo, não havia **«necessidade de empolar»** o sucedido. **«Este incidente é um desperdício de energia e criatividade»** acrescentou. E para o chefe das Forças Armadas, gen. Try Sutrisno, os "desertores" **«quiseram simplesmente juntar-se às famílias»**. Mais franco foi o ministro da Juventude e Desportos, Akbar Tanjung: **«Teremos de ser mais cuidadosos em seleccionar equipas para futuros acontecimentos desportivos internacionais»**.

Do lado australiano o comportamento não foi menos "clássico". O MNE Gareth Evans tentou lavar as mãos declarando que o incidente não deveria afectar os laços de Camberra com a Indonésia, não perdendo a oportunidade de piscar o olho a Jacarta afirmando que as condições em Timor-Leste **«não eram, obviamente, perfeitas»** mas que a Embaixada da Austrália na Indonésia encontrara a situação dos direitos humanos na "província" **«significativamente melhor»** do que nos finais do ano passado.

Um comentário final à forma como o diário indonésio **Indonesian Observer** acompanhou este caso. Ele é bem o exemplo do que mudou naquele país nos últimos meses e da razão das expectativa que se têm vindo a criar quanto ao sentido dessas mesmas mudanças. □

«A Redundância da Coragem»: a luta de um povo em ficção

Timothy Mo é um escritor britânico nascido em Hong-Kong em 1950, filho de mãe inglesa e pai chinês de Cantão. Em 1978 publicou a sua primeira novela (The Monkey King) que recebeu o prémio Geoffrey Faber. Seguiram-se-lhe outras duas, em 1982 (Sour Sweet) e 1986 (An Insular Possession), ambas premiadas. Este ano Timothy Mo voltou aos escaparates com uma nova obra, uma ficção construída a partir da realidade timorense dos últimos vinte anos: The Redundancy of Courage.

Carmel Budiardjo, do Tapol, fez uma apreciação ao livro para a edição de Junho do boletim daquela organização, livro que esperamos poder ver, um dia, nas montras das livrarias portuguesas na nossa língua.

«"Vocês não passam de um monte de trampa" e depois: "Espero que o mundo inteiro...". Mas aquilo que Bill Mabbely esperava de todo o mundo foi interrompido abruptamente por um tiro que o fez cair pesadamente para o lado.»

Não é difícil reconhecer em Bill Mabbely o jornalista australiano Roger East, assassinado juntamente com dezenas de timorenses nas praias de Dili no dia em que as tropas indonésias invadiram Timor-Leste. Este espectáculo terrível é visto através do olhar de Adolf Ng, um empresário hoteleiro chinês, narrador deste livro. Ele é um daqueles que foi arrastado para o cenário de morte, primeiro para contar em voz alta o número de corpos que iam caindo à água e depois para pescá-los e empilhá-los para a incineração.

Assim começa este extraordinário romance que relata a história de "Danu", de "FAKOUM", o partido que dirigiu o país depois da Guerra Civil e as proezas heróicas da guerrilha "FAKINTIL", lutando durante anos contra os "Malais" [nome porque os timorenses designavam os colonos portugueses].

Quem conhecer a história verídica há-de identificar facilmente as personagens e os acontecimentos nos quais o narrador se torna um participante relutante. Adolf Ng, um "chinês" tanto para os Malais como para os Danuenses, está sempre nas margens da sociedade mesmo entre os guerrilheiros da FAKINTIL que o raptam e com quem colabora, até ser capturado pelos Malais uns anos mais tarde.

Como um observador mais ou menos desapaixonado e algumas vezes um tanto cínico, pronto para fazer o melhor conforme as circunstâncias com que se defronta - se se quiser, um oportunista - Ng apresenta uma visão global de homens e mulheres cujo heroísmo e coragem nunca é posta en dúvida. Não são anjos mas apenas pessoas normais, algumas boas, outras simplesmente "filhos da puta".

A tensão principal do romance surge entre Osvaldo Oliveira, comandante das FAKINTIL - uma osmose entre Nicolau Lobato e Xanana Gusmão - e o seu irmão mais velho Martinho, um ex-seminarista cujo ardor religioso se sobrepôs à devoção à causa, levando-o a render-se e a trair. A médica juntamente com quem Ng é raptado, Maria Nolasco da Silva, é uma personagem extraordinária que salva muitas vidas através de amputações e recorrendo a métodos de medicina naturais e indígenas. A descrição do seu casamento com Osvaldo, com o tradicional abate do búfalo, dá uma panorâmica sobre como a vida vai decorrendo nas circunstâncias mais extraordinárias.

Timothy Mo, o autor, tem-se afirmado como um dos mais importantes escritores britânicos, tendo-lhe sido atribuídos vários prémios literários e sendo, segundo muitos críticos deste notável romance, um sério candidato a vencer o «Booker Prize» deste ano. Obviamente não poupou esforços para estudar a história da tragédia de Timor-Leste. A maior parte desta está contida no livro: a matança de Balibó, a guerra civil, a insensível indiferença ocidental à medida que a tragédia se desenrola, o papel crucial desempenhado pelos Broncos-OV10 que mudaram o destino a favor da Indonésia, o ataque à estação da televisão de Dili, a encenação das visitas de jornalistas.

Mas Mo recorre à imaginação para retratar incidentes que poderiam facilmente ter acontecido, dando vida à luta amarga entre a guerrilha mal vestida, mal alimentada e pobremente equipada e as forças de ocupação rudes e bem armadas. Um desses incidentes é um ataque ao aeroporto "Bacalhau" ordenada por Osvaldo com o fim de matar os pilotos dos Broncos que estavam a causar grandes devastações.

Não parece provável que Nicolau Lobato ordenasse uma tal missão, tão perigosa, sabendo bem demais que os pilotos mortos seriam facilmente substituídos. Mas o incidente é, na minha opinião, bastante esclarecedor especialmente quando os guerrilheiros abrem caminho até à messe dos pilotos e encontrando uma mesa cheia de comida não conseguem resistir à tentação de encher a boca com ela, perante o espanto dos pilotos atemorizados, antes de os matar.

As personagens centrais do lado dos "Malais" são o coronel Goreng, comandante militar, um oficial demente e corrupto, a sua mulher Nonya (com ortografia incorrecta, embora a maioria das outras palavras indonésias estejam escritas correctamente) Goreng e o capitão Rebus, comandante dos boinas vermelhas, um militar brutal e manhoso.

Enquanto Rebus foi pelos ares juntamente com Osvaldo quando este detonou uma granada amarrada ao seu peito após a destruição da estação de televisão, Goreng é transferido para um posto mais seguro em "Dili" (isto é, Bali), levando consigo o infeliz Ng que se tornou num estimado moço de recados em casa de Goreng.

Não é difícil para Ng comprar a sua liberdade pois o seu falecido pai tinha acumulado fortuna noutras terras e Goreng facilmente é persuadido, a troco de dinheiro, a deixá-lo sair.

A cena final passa-se na ONU, em Nova Iorque, onde Ng encontra Joaquim Lobato - José Ramos Horta, claro - e ouve acerca dos seus esforços desesperados para conseguir que a luta continue a figurar na arena internacional.

The Redundacy of Courage consegue dar corpo a um fragmento da história contemporânea que até agora só tinha sido relatada em panfletos políticos e obras analíticas (dos quais **Indonesia's Forgotten War: the Hidden History of East Timor** de John Taylor é a mais recente).

Há bastante humor fino e corrosivo e muita inspiração na caracterização da figura dos guerrilheiros que lutam pelo povo cujo país tem sido tão cruelmente devastado. É assim que ele narra o impacto da morte de Osvaldo:

«A morte de Osvaldo foi como um vendaval devastador para todos os patriotas de Danu, que levou algo de cada um, independentemente de no passado ter sido da IP (isto é, UDT) ou não. Mesmo que nunca tivessem visto o mais ínfimo acto de resistência, a noção da existência das FAKINTIL e do seu líder nas montanhas, oferecia-lhes a possibilidade de liberdade futura. Tinha sido uma possibilidade remota mas existira. E esta possibilidade tinha estado muito identificada com a figura do próprio Osvaldo.» (pág. 389).

Mas as palavras finais de Mo são inspiradas: «Sei que nada morre com Osvaldo senão os seus erros... os Malais podem incendiar os campos, podem pensar que exterminaram todas as criaturas, mas haverá sempre uma semente. Há sempre uma.» (pág. 408). □

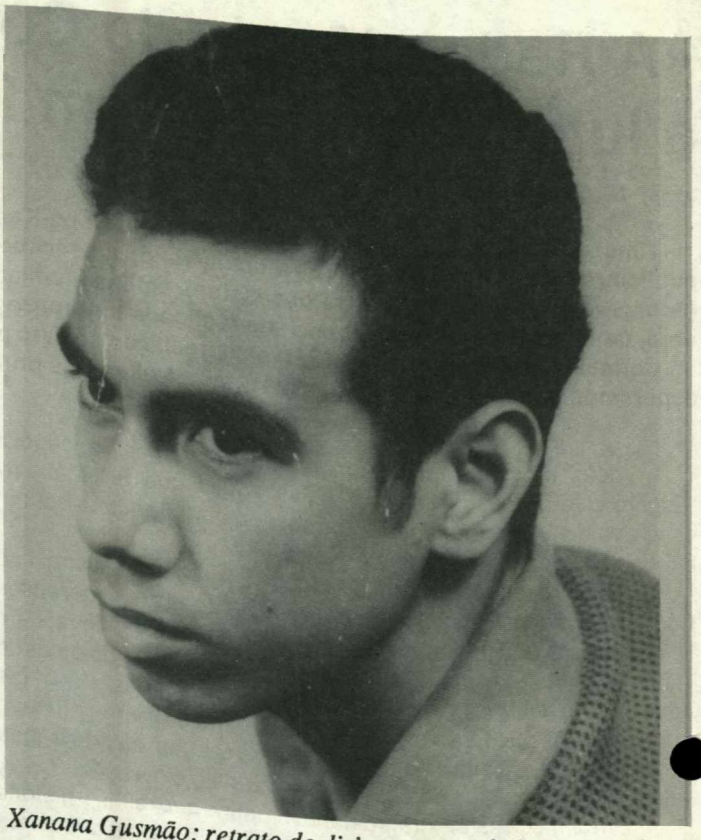
As coisas mudam....

Aproveitando a passagem do aniversário natalício do dirigente da Resistência timorense Xanana Gusmão, um grupo de jovens promoveu no sábado, dia 22 de Junho, um convívio que reuniu a comunidade residente na área de Lisboa, organizações de solidariedade (CDPM de Lisboa e Porto, A Paz é Possível e Paz e Justiça para Timor-Leste, do Porto) e de juventude católica portuguesas.

O encontro iniciou-se com uma celebração da Eucaristia, concelebrada, em tétum, pelos Padres Filomeno Jacob e Apolinário Guterres, tendo a homília sido centrada sobre a necessidade da unidade com base no respeito pela diversidade. O mesmo tema foi, aliás, abordado por vários dos oradores que intervieram na parte dedicada às intervenções políticas. Para além das organizações de solidariedade e de juventude católica portuguesas, intervieram representantes da **Renetil** (Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste), da **Juventude Nacionalista Timorense** e da **UDT** (Dr. Vicente Guterres), além de figuras da comunidade timorense. De entre estas teve particular eco a do Padre Apolinário, pela emotividade, determinação e espírito crítico com que foi feita.

O convívio concluiu com um lanche a que se seguiu uma sessão cultural.

Os jovens organizadores lamentaram, no final, que nenhum dirigente da Fretilin tivesse acedido ao convite que lhes foi endereçado para participarem no encontro, embora estivessem presentes elementos do Comité daquela organização em Portugal. □



Xanana Gusmão: retrato de dirigente quando jovem estudante

É JÁ AMANHÃ, O PORTUGAL-AUSTRÁLIA
ATÉ PARECE QUE JÁ ESTOU A VÊ-LOS. PORTUGAL ENTRA AO ATAQUE, PRESSIONANDO COM TODA A FORÇA
A AUSTRÁLIA DEFENDE-SE E CONTRA-ATACA... E QUASE NO FIM DO JOGO, PIMBA:
"PENALTY CONTRA TIMOR-LESTE.

Diário de Notícias, 26/06/91

Director: António Pinto Pereira **Proprietário:** Comissão para os Direitos do Povo Maubere
Sede: R. Pinheiro Chagas, 77-2ºE-1000 Lisboa, Tel: 574718
Produção: João Escadinha **Impressão:** Grafis, Coop. de Artes Gráficas **Tiragem:** 1000 ex. **Assinatura anual:** 600$00
Registo DGCS nº 112094 Dep. Leg. nº 25317